



Redacção, Administração e Composição:
Rua Barjona de Freitas, n.º 26 e 28
Telefone 82310 — BARCELOS

SEMANÁRIO REGIONALISTA — FUNDADO EM 1911
POR PORTUGAL! *** POR BARCELOS!

Impressão: Companhia Editora do Minho
Rua D. António Barroso
BARCELOS

ASSINA — Trimestre, 10\$00; Semestre, 20\$00; Ano, 35\$00
Estrangeiro, ano 60\$00 e por via aérea, 175\$00
TURAS: África, ano 45\$00 e por via aérea, 110\$00
(PAGAMENTO ADIANTADO)

Administrador, Proprietário e Director: ROGÉRIO CALÁS DE CARVALHO
Editor: JOSÉ LUCINDO CARDOSO DE CARVALHO
SÁBADO, 16 DE SETEMBRO DE 1961

Número avulso — 1 escudo
Os Senhores Assinantes gozam o desconto de 10%
Assinaturas para o Brasil, ano 50\$00, por via aérea 160\$00
ESTE N.º FOI VISADO PELA CENSURA

ÉRAMOS ESTUDANTES, HA 40 ANOS

E' verdade. Há já uns bons quarenta anos, — como o tempo voou! —, frequentavam as escolas superiores do País dúzia e meia, se contamos bem, de jovens barcelenses, votados com afincado e dignificante tarefa de triunfarem nos cursos que tiravam, para obterem os diplomas ou as habilitações que lhes permitissem entrar nas profissões e carreiras a que aspiravam e eram da sua vocação. Durante as férias escolares, reuniam-se esses briosos estudantes universitários, à tarde e à noite, no Quiosque da Calçada, erguido no coração da nossa cidade, ainda então designada por vila. Era lá que eles faziam o seu «quartel-general», atraídos não só pela situação «estratégica» do pequeno café, — mesmo no centro de maior movimento do velho burgo, — mas também pela novidade e exotismo da sua construção, sugerida, ao que diziam, por qualquer coisa de semelhante que existia na Alemanha.

Dentro, ou fora dele se o tempo o consentisse, era certo verem-se, nos períodos de repouso escolar, esses moços académicos barcelenses, sentados à roda de pequenas mesas, a conversar ou a discutir, enquanto saboreavam com delícia algum cigarro após o apetecido café, se se não inclinavam antes por um chá acompanhado das gulimas nevadas e dulcíssimas «clarinhas». A conversa ou a discussão revestiam, por vezes, a maior animação, filha, sem dúvida, do entusiasmo com que se expunham as ideias ou da veemência em que se exprimiam os sentimentos. De tudo se falava: desde os variados assuntos da vida académica de cada Universidade, desde os estudos e leituras de cada um até à política, em cujo campo se faziam incursões frequentes, que ofereciam aspectos diversos, segundo a cor das convicções pessoais. Nunca, porém, a divergência foi, entre eles, motivo de animadversão. E, no entanto, havia os que se situavam muito à direita a par de outros que preferiam uma situação nitidamente à esquerda. Mas tudo era sobrelevado por um sentimento de amizade e boa camaradagem, bem próprio de corações jovens e generosos.

E quem eram esses rapazes que estudavam nas diferentes faculdades das três Universidades do País e assim entretinham algumas horas dos seus ócios em férias, na terra da sua naturalidade? Vamos nomeá-los, muito embora nos fique o receio de qualquer omissão, absolutamente involuntária. Segundo os cursos que tiravam, uns já no final deles, outros a iniciá-los, dentro, mais ou menos, desse lustro que começara em 1920, eram os seguintes:

Medicina — Fernando Moreira, Adélio da Silva Marinho, Aurélio Lamela, Joaquim Sá Carneiro, Luís Sá Carneiro e Aires Duarte;

Direito — Francisco Sá Carneiro e José da Graça Faria;

Escola Militar — José António Beleza Ferraz e Gaspar Sá Carneiro;

Engenharia — Manuel Sá Carneiro, Leonel Monteiro Esteves, Luís de Noronha e Tavora e Henrique Sá Carneiro;

Ciências — Alberto Alves de Carvalho;

Letras — Joaquim Faria Gajo, António da Silva Ramos e o autor destas linhas.

Sete dentre eles já não pertencem, infelizmente, ao número dos vivos e é com profunda emoção e grande pesar que evocamos a sua memória. Como se verá pela simples referência dos nomes acima feita, seis pertenciam a uma só família — a distinta e numerosa família Sá Carneiro, da qual o filho mais velho já tinha, por essa ocasião, terminado o seu curso de direito e o mais novo ainda o não principiara.

O numeroso grupo de universitários, no qual nos incluíamos e que ficou pertencendo à geração académica de 1920, não podia ser indiferente ao que se passava não só no campo da política mas também no da literatura e da arte. Por isso, no seu «quartel-general», rodeado de arbustos e flores, ou nas suas constantes deambulações pelas ruas da antiga vila, que geralmente se limitavam ao espaço compreendido entre o Largo do Teatro e o Jardim que, hoje, tem o nome de António Fogaça, — os moços estudantes frequentemente abordavam os assuntos das suas leituras, de modo que escritores e poetas da época eram apreciados e analisados com mais ou menos vivacidade, com mais ou menos profundidade. Em poesia, lembrámo-nos de que principalmente se estimavam Eugénio de Castro, Junqueiro, Afonso Lopes Vieira, Correia de Oliveira, Augusto Gil; em prosa, admiravam-se e discutiam-se as obras de Júlio Dantas, Antero de Figueiredo, Aquilino e Manuel Ribeiro. Quanto aos estrangeiros, preponderavam nas largas conversas, as obras e as figuras de Oscar Wilde, Vargas Vila, Henri Bordeaux, Paul Bourget, Pierre Benoit, Anatole France, Palácio Valdés e outras personalidades de relevo mundial. Às vezes, no verão, descia-se ao Cávado e, à sombra dos amieiros, em longos passeios de barco, no poético entardecer, recitavam-se com entusiasmo versos de Júlio Dantas ou de António Feijó.

Não se entretinham os moços barcelenses só com passeios e versos. Na era dos desportos e do automóvel,

A POSSE DO NOVO VICE-PRESIDENTE DA CÂMARA

Tal como havíamos noticiado no último número, deslocou-se ao Governo Civil de Braga, na passada terça-feira, o Senhor Dr. Vitor António Marques Junior que, perante o Senhor Governador Civil, assinou o auto de posse do cargo de Vice-Presidente da Câmara Muni-

(Continua na página 8)

que ia ser, em breve, intensa e absorvente, eles ocupavam-se também de cultura física. Além doutras actividades desportivas, que praticavam, quiseram um dia, cultivar a modalidade do ténis. Mas onde?

Não havia nenhum campo apropriado. Não sabemos como: mas dentro de brevíssimo tempo, conseguiram fazer um, dentro da Cerca do Hospital, que hoje se chama Parque da Cidade. E durante muitos dias e muitas horas lá jogavam e se treinavam, sob aquelas frondosas árvores, que cobriam de sombra e de paz um agradável recinto, tão rapidamente arranjado para os gratos exercícios de um grupo de jovens que se pretendiam, segundo a fórmula clássica, saudáveis de corpo e de espírito.

Às noites, frequentavam também a Assembleia Barcelense, então instalada no primeiro andar do vasto edifício da família Cunha Velho e Sotomaior, onde existiu o Banco de Barcelos e hoje se encontra o Café Monumental.

Aí, liam os jornais e a revista francesa «Illustration», que publicava peças de teatro, apreciadas com vivo interesse. Mas os rapazes animavam-se sobretudo, agitavam-se mesmo, quando se decidiam, pelo Ano Novo ou pela Páscoa, a levar a efeito qualquer baile. Então o entusiasmo não tinha limites e o grupo promotor não se poupava a esforços para que a festa saísse brilhante.

Chegou o entusiasmo e a perfeita organização ao ponto de, certa vez, uns membros da comissão contratarem uma orquestra e os outros, à socapa, contratarem uma segunda, para a hipótese de faltar a primeira... O resultado foi comparecerem as duas na mesma noite. Mas os moços do baile não se transtornaram. Mandaram tocar as duas e a função decorreu animadíssima!

In illo tempore, já se gostava muito de cinema. Duas vezes por semana, havia sessões no Teatro Gil Vicente. E lá iam quase sempre, assistir à exibição de filmes ainda mudos, apenas tornados sonoros pelo acompanhamento musical de uma pianola, que desdobrava constantemente trechos clássicos de óperas e trechos de operetas, que poucas vezes se harmonizavam com as cenas projectadas no «ecran»... Eram sessões dotadas de um certo humorismo... Os «grandes» do cinema, nesses anos, chamavam-se Greta Garbo, Charlott, Clara Bow. Passavam-se fitas dramáticas, cómicas e de «cow-boys». Algumas dividiam-se em jornadas, que se exibiam em várias sessões, como se se tratasse de um longo romance em folhetins, à maneira dos «Três Mosqueteiros» ou do «Conde de Monte-Cristo», que se liam, nos jornais, em dias sucessivos... Contudo, essas breves horas de cinema eram o encanto, porque eram a principal evasão, dos universitários barcelenses. As imagens impressionantes propiciavam-lhes o caminho do sonho, uma realidade fora da realidade, tão grata ao espírito da juventude.

Passou, há muito, essa quadra da sua mocidade — uma quadra em que se não falava ainda de Fernando Pessoa, Torga ou José Régio; em que, na arte, ainda se não tinham generalizado os nomes de Picasso, Braque e Matisse, e em que eram outras as Lorens, as Marylins, as Lollobrigidas. Essa época passou, definitivamente. Resta apenas recordá-la... E não será sem uma certa emoção penetrada de saudade que eles, os jovens académicos barcelenses de há quarenta anos, a recordarão, perante a amarga realidade dos seus inúmeros cabelos brancos...

MIRANDA DE ANDRADE



O Quiosque, ao qual se refere o nosso distintíssimo Colaborador neste brilhante Artigo e que actualmente se encontra em péssimo estado de conservação.

Bodas de Prata Sacerdotais do Rev.º Pároco de Macieira — Padre Manuel Martins Marques

Desde há muito que o bom povo de Macieira — Barcelos, pensava em pagar um pouco da dívida que há 18 anos, a esta parte, foi contraída para com o seu Pároco. Oportunidades não têm faltado, mas nenhuma como a presente: 25 anos de Sacerdócio do seu querido Pastor. Formou-se uma Comissão constituída pelo digno e incansável Arcipreste do concelho Sr. Padre Rodrigo Alves Novais — ilustre filho de Macieira —, pela Junta de Freguesia, Corporação Fabriqueira e Regedor. Traçou-se o programa, que, graças a Deus, foi cumprido em absoluto.

Chegou, finalmente, o dia escolhido: 8 de Setembro, dia em que Macieira celebra a festa do seu Padroeiro, que é Santo Adrião. Às 6 horas houve missa cantada em honra do Padroeiro e comunhão geral, tendo comungado 956 pessoas.

Às 10,30 horas, principiou a festa em honra do Senhor Abade, Rev.º Padre Manuel Martins Marques, com missa solene, em que foi celebrante o próprio homenageado, acolitado pelos Rev.ºs Padres Domingos Rios Novais e Manuel Padrão, sendo mestre de cerimónias o Rev.º Arcipreste Sr. Padre Rodrigo Alves Novais e turiferário o Sr. Padre Luís Mariz de Oliveira. O coro esteve confiado aos restantes Padres da Freguesia de Macieira Srs.: Padre José Maria Furtado Rodrigues, Padre Fonseca, Padre Eduardo de Oliveira Campos e Padre Lima.

No momento próprio subiu ao púlpito o Sr. Arcipreste, que dissertou, brilhantemente, acerca do Sacerdócio Católico, pedindo, depois, aos Macieirenses, que nesse dia das Bodas de Prata Sacerdotais do seu Pároco, levantassem os seus corações ao Céu, a agradecer ao Senhor o ter dado a essa freguesia um tão bondoso Pastor. Terminada a Santa Missa, seguiu-se o beija-mão.

Às 13 horas, foi servido na Casa do Povo da freguesia, um lauto banquete, em que tomaram parte 110 pessoas, que voluntariamente se inscreveram para tomar parte nesse almoço.

A mesa de honra foi assim constituída: Ao centro o ilustre Homenageado, ladeado, à sua direita, pelos Srs. Arcipreste Rodrigo Alves Novais, Padre Luís Mariz de Oliveira, Capitão António Cândido Ferreira e Rogério Calás de Carvalho e, à sua esquerda, pelos Srs. José da Silva Campos, Tenente-Coronel Manuel Joaquim Cândido Ferreira, Dr. Adélio de Oliveira Campos e Padre José Maria Furtado Rodrigues. Aos brindes falaram o Rev.º Sr. Arcipreste, em nome do Clero de Macieira, e o Ex.º Sr. Capitão António Cândido Ferreira, em nome da freguesia, agradecendo-lhes o Homenageado.

Receberam fartos aplausos.

Às 16 horas, foi cantado um solene Te-Deum, findo o qual houve uma sessão solene, a que se dignou presidir o Ex.º Presidente da Câmara de Barcelos Sr. Dr. Luís Fernandes de Figueiredo, que de bom grado aceitou ao convite feito pela Comissão desta festa de homenagem.

Ditas duas palavras de abertura pelo Rev.º Arcipreste Alves Novais, seguiram-se no uso da palavra, os Ex.ºs Srs.: Dr. Adélio de Oliveira Campos, mui digno Vereador da Câmara Municipal de Barcelos e ilustre Presidente da Comissão Municipal de Turismo; Tenente-Coronel Manuel Joaquim Cândido Ferreira, João Novais Alves, Finalista de Teologia; Professor Abílio Alves de Campos; Padre Luís Mariz de Oliveira e Dr. Luís Fernandes de Figueiredo, ilustre Presidente da Câmara de Barcelos. Para agradecer, levantou-se o Rev.º Sr. Padre Manuel Martins Marques, que muito sensibilizado manifestou o quanto estava agradecido à freguesia pela homenagem que a mesma lhe havia prestado.

VÁRIAS NOTAS

Nas cerimónias religiosas e almoço, só tomaram parte os filhos de Macieira.

Na sessão solene, todos os oradores que falaram, são oriundos de Macieira, excepto o Ex.º Presidente da Câmara, que também lá passou os anos da sua infância.

A freguesia de Macieira ofereceu ao seu digno Pá-

VINHO... A MARTELO

Assim classifica o pôvo, o vinho que alguns gananciosos, quer do comércio, quer do produtor, sem respeito pela saúde pública, mixordeiam, transformando o clássico e apreciado verde, numa zurrapa intragável. Além desse criminoso acto prejudicar o viticultor honesto, por se tornar o seu maior concorrente, altera as características e o paladar inconfundível do apreciado verde. Mas, o que sobretudo interessa considerar, é o mal que essas mixordices fazem à saúde.

Infelizmente, neste abençoado País, a ambição e a falta de escrúpulos, são as características especiais duma parte da nossa gente. Para lhe pôr cõbro, necessário se torna uma fiscalização activa e insubornável, não só dos Organismos que superintendem na defesa da lavoura, como também da própria Intendência, applicando a lei com a maior severidade.

Fala-se em toda a parte, de que este ano é propício à mixordice, devido a fraca colheita. E é tal o descaramento, que se chega ao ponto de explicar minuciosamente, como se adulteram, quais os ingredientes e a forma de multiplicar a quantidade.

Torna-se pois urgente alargar a fiscalização, intensificando-a e applicar a essa cáfila de exploradores o rigor da lei, não só para salvar a qualidade e defender esta desgraçada lavoura, como também o público, que paga como boa, uma droga que lhe impingem e o envenena.

Acho que a missão dos Organismos responsáveis, e para isso a lavoura lhes paga generosamente, é defender os interesses dos seus agremiados ou como lhes queiram chamar. Nem sempre assim acontece para nosso mal e da própria economia nacional. Há qualquer coisa que emperra, que amortece, que torna essas agremiações nulas, sem interesse pelo que se passa no sector da produção... E' desta inação, deste comodismo reprovável, que a lavoura se ressentem. Não quero apontar aqui quais esses Organismos. Apenas me limito a focar os seus defeitos, com interesse construtivo. A denunciar o desleixo e indiferença dessas entidades. A procurar defender uma lavoura abandonada. A colaborar na defesa do homem que trabalha sem horários, sem abonos de família, sem reforma e com uma assistência quase nula.

E dar-me-ei por satisfeito se, com esta ligeira e despretenciosa crónica, puder concorrer para minorar um pouco, a sua atribulada situação económica.

ANTÓNIO REGO

QUÃO LONGE FUI!

Quão longe fui! Somente quiz-te vêr,
Saber se eras feliz e se sorrias;
Ouvir as cousas belas que dizias,
Saber se pressentias meu sofrer.

Quão longe fui! É triste padecer,
Rever em sonho os mais distantes dias;
De novo padecer mil agonias,
Rever as flôres que busquei colher.

Quão longe fui! Ai, quão distante estive!...
E as esperanças que de vez partiram,
Em meu andar de louco não as retive.

Tu não me viste! E eu procurei-te tanto
Que os que passaram, meu amôr me viram
Humedecer as flôres com meu pranto.

Guanabara

GUALTER CRUZ

LABORATÓRIO DE ANÁLISES

Dr.^a Maria Fara Padin Brandão

Licenciada em Farmácia

Largo José Novais, 25—2.º—BARCELOS

TELEFONE 82614

Reunião Anual dos Antigos Alunos dos Seminários de Braga

Realiza-se no próximo dia 17 de Setembro, no Seminário Conciliar, à Rua de Santa Margarida, a reunião anual de confraternização da Associação dos Antigos Alunos dos Seminários de Braga, com o seguinte programa:

10 horas, Missa de sufrágio pelos professores e antigos alunos; 11 horas, Palestra cultural pelo presidente da Associação, subordinada ao tema:—«Em vésperas de um novo Concílio Ecumênico—Raízes Judaico—Cristãs do Islamismo», seguida de debate sobre a matéria versada ou da exposição de qualquer outro assunto de interesse para a colectividade e, ás 13 horas, Almoço de confraternização.

Esta reunião destina-se como de costume a todos os antigos alunos, quer estejam quer não inscritos na Associação, e tanto sacerdotes como leigos.

A Direcção da Associação pede e espera a presença de largas centenas de antigos alunos aos quais também solicita que até ao próximo dia 15, confirmem por postal a sua presença nesta reunião.

ANTOLOGIA—O Estado Moderno

«Mesmo quando desiste de se apoderar das almas,—(o Estado moderno)—não pode abster-se, de por mil intervenções e competências, impor directrizes e limites à livre expansão da vida social. Sobretudo aqueles que por qualquer motivo se deixaram atrazar têm de submeter-se ao impulso que só de uma acção centralizada, de uma força superior, de uma concentração de meios de toda a ordem pode derivar para o corpo social».

SALAZAR

roco uma prenda, que custou à volta de três mil escudos.

Não faltaram várias girândolas de foguetes e uma potente Cabine Sonora.

«O BARCELENSE» agradece a gentileza do convite para assistir á brilhante Homenagem.

CARTA A STEVENSON

«A EXPLICAÇÃO DE PORTUGAL»

Por Tomás Ribeiro Colaço

O meu amigo sabe o que é o impossível? É aquilo que não se pode realizar, e que conserva o mesmo nome depois de realizado.

Estas cartas que lhe explicam Portugal têm de ensinar-lhe—para o Adlai ter cuidado—que ele é o País do impossível.

Não quero estadear amolações da História. Napoleão determinou que em todas as Escolas Militares fôsse ensinada a História de Portugal; era essencial ao que ele queria fazer no Mundo. O meu amigo sente-se pouco napoleónico, provavelmente; mas olhe que a ONU precisa de um certo napoleonismo, ainda que seja apenas o do génio político e o do Código Civil, evitando Austerlitz. Vou dar-lhe apenas algumas balas do pitoresco.

—Era uma vez um pequeno Condado com quatro gatos, um Castelo e um nome esquisito:—«Portugalense». Um bruto Príncipe que poderia ser campeão de «box» cismou fazer daquilo um reino independente. Era impossível. A Norte e a Leste havia grandes Estados cristãos, e até uma forte rainha chamada Dona Urraca, prontos a comerem o Condado ao jantar. Para o Sul havia o tremendo Império Mouro, pronto a comer o Condado ao almoço. E do lado dos Estados Unidos não vinha nada de bom. Eles tardariam ainda, 700 anos em aparecer e existia só o mar, povoado de monstros que, por não existirem, infundiam terror. Pegar nos quatro gatos, no castelo, contrariar intensamente a Dona Urraca, e fazer daquilo um reino, era impossível. Mas o campeão de «box» fiava-se mais na teimosia que na coerência. E o seu reino impossível é hoje o mais velho do Mundo, como lhe contei.

—A seguir, foi uma colecção de maluqueiras. Apareceu uma senhora bonita que sabia mudar o pão em rosas, enquanto o marido plantava navios em montes de areia. Veio um apaixonado e coroou a mulher amada; mas como isso era afinal frequente—para coroá-la impossivelmente ele foi buscá-la ao caixão onde dormia um sono, em geral, eterno. Pouco depois, o filho bastardo de uma camponesa achou que devia ser rei, como o pai; comandou uma batalha onde os contrários que eram seis contra um, já usavam os canhões que ele não possuía (não foram comprados à General Motors). Tinha um Condestável que, quando a coisa ficava preta, se escondia atrás de uma colina a rezar um Padre-Nosso. E a sua «Divisão Panzer» era uma «Ala dos Namorados». Já pesou no que eles sofreriam, tendo de pôr de lado as noivas bonitas e cortar a conquistar canhões? O bastardo da camponesa ganhou a batalha impossível, e casou com uma princesa real britânica—antepassada da Princesa Margarida. Ainda não se inventara a fotografia.

E a coisa continuou, Adlai. O reino era bonito, mas era pequeno. O pessoal achou que a solução indicada era descobrir o Mundo, e instalar-se nele. Inventou navios, inventou velas, e dois séculos depois—com caravelas a jacto—500.000 homens válidos que nem tinham tempo de aprender a ler, viviam tranquilamente neste impossível:—conter na Europa um vizinho cinco vezes maior, povoar todas as ilhas do Atlântico, que haviam descoberto, estar em sua casa na América, na África, na Ásia e na Oceânia.

Na Índia, quando D. João de Castro precisava financiamento, empenhava as barbas. E obteve muito. Mas isto, o meu bom Adlai acreditará facilmente;—basta-lhe pensar quanto não daria o Departamento de Estado pelas barbas de um Fidel que também é Castro.

—E a coisa continua, Adlai. E a coisa é. Suponho que, como eu, admira a França, a sua espantosa irradiação. Diga a um francês o seguinte:—«Se vocês tivessem tomado o caso a peito, seriam povos de fala francesa os de todas as Américas; e os da Austrália, e os de metade da África». O francês dá um salto, pega em lápis e papel e diz-lhe:—«É esta a superfície da França. Esta a dos Continentes que cita. A França caberia ali 105 vezes. O Sr. delira impossivelmente, ao admitir que uma nação se multiplicasse a si mesma por 105».

O meu amigo volta para mim olhos acusadores, pois o arrastei a dizer ao francês tamanha tolice. Pego eu no lápis, no papel. Digo-lhe:—«É esta a superfície do reino impossível. Esta, a do Brasil (90 vezes maior). Esta a de Angola e Moçambique, etc. Portugal multiplicou-se por 105, como era impossível».

E entre todos os demais, ele realizou o Direito—que é o mais perfeito impossível; e o mais necessário. Acusa à ONU, meu amigo. Portugal pode não ter importância nenhuma, mas quem for contra o direito de Portugal não é contra Portugal; é contra o Direito, e perderá inevitavelmente a batalha.

Não deixe a ONU ser assim contra o Direito. Ensinhe-lhe esse impossível; mostre-lhe que ele se realiza—e como.

Se não seguir o meu conselho, acredite-me: Adlai Stevenson terá sido uma reencarnação inglória de Dona Urraca».

Do «Clarim»



Igreja Paroquial de Macteira, com o seu lindo adro, onde se realizaram as cerimónias religiosas no dia de Santo Adrião

A POSSE DO NOVO VICE-PRESIDENTE DA CÂMARA

(Continuação da 1.ª página)

cial de Barcelos, para o qual havia sido recentemente nomeado.

O Senhor Dr. Vitor António Marques Junior é formado em direito e desempenha o cargo de Notário na Conservatória Notarial de Barcelos, para o qual foi nomeado em Março ultimo.

Depressa se familiarizou e não oi difícil grangear simpatias, tendo em vista o seu trato sempre acolhedor para todas as pessoas.

Deslocaram-se a Braga para assistir a esse acto de posse os Ex.mos Senhores Dr. Luís Fernandes de Figueiredo, digno Presidente do nosso Município, Professor Doutor Joaquim José Nunes de Oliveira, ilustre Presidente da Comissão Concelhia da União Nacional e Professor da Faculdade de Farmácia do Porto, Dr. Armando Pereira do Vale Miranda, incansável Provedor do Hospital da Misericórdia de Barcelos, Dr. Ilidio Joaquim Nunes de Oliveira, prestimoso Comandante do Terço da Legião Portuguesa, Manuel Pereira da Quinta Junior, incansável Comandante dos Bombeiros Voluntários de Barcelos e Vereador Municipal, Eng.º José Pinto de Oliveira e Prof. Manuel Cardoso, respectivamente Presidentes das Camaras Municipais de Fomalhão e Fafe.

Fizeram uso da palavra para enaltecerem as qualidades do empossado, os Ex.mos Senhores Governador Civil, Dr. António Abranches, Dr. Luís Fernandes de Figueiredo e Doutor Joaquim José Nunes de Oliveira, respectivamente Presidentes da Camara Municipal e da Comissão Concelhia da União Nacional do nosso Concelho.

Agradeceu por fim o novo Vice-Presidente, sendo efusivamente cumprimentado por todos os presentes.

A cerimónia da sua investidura, que, por circunstâncias ocasionais não pode verificar-se na mesma ocasião da posse em Braga, teve lugar nos Paços do Concelho na quinta feira ultima, com a presença das entidades oficiais da terra e distrito, Presidentes das Juntas de Freguesia, Regedores e de pessoas de todas as categorias sociais do nosso velho burgo e extenso concelho.

Levantaram-se para discursar os Senhores Presidente da Câmara e Presidente da Comissão Concelhia da U. Nacional que, em oratoria vibrante, elogiaram o ilustre empossado, as suas qualidades e o muito que Barcelos espera da acção do Senhor Dr. Vitor Marques Junior.

Agradeceu, por ultimo, o novo Vice-Presidente, dizendo que Barcelos podia contar com a sua dedicação e que todo o esforço faria para que da sua actividade pudesse resultar alguma coisa de util para a cidade e concelho.

Prolongados aplausos fizeram-se ouvir, seguindo-se depois os cumprimentos a Sua Excelencia.

«O BARCELENSE» felicita o ilustre Vice-Presidente, Senhor Dr. Vitor Antonio Marques Junior e faz votos que do seu saber, da sua acção e dinamismo resulte uma conjugação de esforços para que Barcelos possa engrandecer-se, como tem direito.

Boa sorte, muitas felicidades.

Laboratório de Análises Clínicas

JOSÉ ANTÓNIO BELEZA FERRAZ

Licenciado em Farmácia

RUA D. ANTÓNIO BARROSO, 129—1.º Dt.º

Telef. 82624

BARCELOS

Aprovação do plano de alinhamento da Cidade

A Câmara Municipal, que ao longo de vários meses se ocupou com o maior interesse do plano de alinhamentos da cidade, assunto que foi também objecto de várias diligencias feitas em Lisboa pelo seu ilustre Presidente, viu finalmente a sua acção coroada de êxito com a aprovação do referido PLANO, por despacho recente de Sua Excelencia o Senhor Subsecretário das Obras Publicas.

O facto é de realçar pelos beneficios que dele advêm para o fomento das construções e outras obras na área da cidade, pois desaparecem muitas dificuldades burocraticas que até agora se verificavam.

Mário Campos Henriques

Acompanhado por sua Esposa Snr.^a D. Generosa de Campos Henriques, regressou da sua viagem ao Brasil, o nosso respeitável amigo Snr. Mário Campos Henriques, digno Sócio principal da Fábrica de Malhas Tebe, desta cidade.

Auspiciosos Enlaces

No dia 9 do corrente, na Capela Solarenga de Santo Antonio de Vessadas, em Barcelinhos, efectuou-se o Casamento Elegante da Ex.^{ma} Snr.^a D. Laura Maria Rumsey de Noronha e Távora, prendada Filha da Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria del Carmen Rumsey de Noronha e Távora e do nosso preclaro amigo, Ex.^{mo} Snr. D. Luís de Noronha e Távora, prestigioso Engenheiro-Chefe da Camara Municipal do Porto, com o Ex.^{mo} Snr. Francisco Luís Proença de Sá Morais, Filho da Ex.^{ma} Snr.^a D. Virginia Albertina de Almeida Proença de Sá Morais e do Ex.^{mo} Snr. Dr. Francisco José de Sá Morais, do Porto.

O Consorcio foi celebrado pelo Rev.^o Padre Abilio Mariz de Faria, ilustre Pároco de Barcelinhos, presidindo ao acto nupcial o Rev.^o Arcipreste de Barcelos, Padre Rodrigo Alves Novaes.

Paraninfaram, pela gentil Noiva, seus Ex.mos Pais e, pelo Noivo, também seus Ex.mos Pais.

No dia 3 de Setembro, no Santuário de

A Verdade Fortalece o Governo Português na Metrópole e nas províncias de Ultramar

Para minha satisfação, meu artigo: «Investigar o que em Angola?» publicado no jornal que dirijo, transcrito em diversos órgãos lisboetas e no Brasil na «Voz de Portugal», que se edita na cidade do Rio de Janeiro, alcançou ampla repercussão pelos sinceros e fortes motivos defendidos, merecendo especiais aplausos da colónia lusa radicada principalmente na ex-capital do País.

Vários telegramas de aplausos, quer de meus concidadãos, quer dos meus irmãos portugueses, e muitas visitas de expressivos vultos luso, residentes em Nova Friburgo, Niterói e no recém constituído Estado da Guanabara, recebi. Isso veio provar que o jornal lusobrasileiro «Voz de Portugal» alcança penetração em todos os círculos sociais brasileiros e é lido em todo o País, o que explica a facilidade da localização da minha pessoa por parte dos que não comungando os mesmos ideais, constituíram no Brasil oposição ao Governo Português. Esses elementos descontentes por não se verem satisfeitos em suas descabidas pretensões direcionais, concentrados em São Paulo, editam jornais, lançam panfletos, dão entrevistas a outros jornais e emissoras, reúnem-se, traçam planos, esperneiam porque não conseguem derrubar o Governo instaurado em Lisboa.

Tomei conhecimento desses movimentos de rebeldia através de um exemplar do pequeno jornal «Portugal Democrático», que entre outros chega à redação de «Tribuna Comercial», enviados pelos seus diretores, por amigos ou interessados, graciosamente.

Lendo, pois «Portugal Democrático», verifiquei os objetivos dos responsáveis por sua circulação e sinceramente estranho possam em meu País ser editados jornais para combater um Governo amigo, legalmente constituído e em função do bem estar do seu povo.

Lamento haja portugueses, alguns exilados espontaneamente, aceitos pelo Governo Brasileiro que continuam a combater o Governo do seu País, promovendo intrigas internacionais, levantando falsas acusações, com o objetivo preconcebido de conquistar simpatias para a causa que advogam, sem poupar ataques indignos que ferem frontalmente a honra do Doutor Oliveira Salazar, Presidente do Conselho, cidadão que envelheceu no Poder porque a maioria do povo deseja, pois ergueu a nação do caos político-económico e a projetou no universo como uma nova e poderosa potência.

O ataque ao Dr. Salazar, a Portugal, às Províncias de Ultra-Mar, ganham consistência como revela a nota que transcrevo para merecer contestação de todos aqueles portugueses, brasileiros ou de outras nações cristãs-democráticas, amantes da verdade, do respeito e do progresso vivem em diversos pontos de globo terrestre.

Eis o título que despertou minha atenção: «Demo-

cratas Portugueses em defesa da liberdade do povo angolano».

Eis o texto do telegrama que foi enviado a ONU.

«Entidades democráticas portuguesas do Brasil rogam a Vossa Excelência exprima no Conselho de Segurança sua condenação da guerra colonial de Angola e seu apoio a medidas desse Conselho suspensivas da agressão e favoráveis ao exercício imediato do direito de auto-determinação por parte do povo de Angola».

Esse longo telegrama foi enviado ao Delegado da República da Libéria no Conselho de Segurança da ONU e encontra-se subscrito pelas entidades subversivas encabeçadas pelo jornal «Portugal Democrático», Centro Republicano Português, Comité dos Intelectuais Pro Liberdade de Expressão, etc. As assinaturas que dizem numerosas foram ocultas maliciosamente.

Analisando o texto desse telegrama sente-se repulsa e admiração ao mesmo tempo. Repulsa pelo que existe de traição à Pátria, ao Governo legalmente constituído, ao Povo Português, que vive na Metrópole e nas Províncias Ultramarinas. Admiração pela sem cerimónia tolerada por parte das Autoridades Brasileiras em permitir que exilados políticos abusem do acolhimento e continuem a provocar o seu Governo distante, preocupado na ingente tarefa de manter intocáveis os limites territoriais do País, lançando contra ele infames calúnias, tentando intrigá-lo com outras nações. O pior ainda é o ter constatado submissão aos terroristas estrangeiros e ao grupo de nações interessadas na falada auto-determinação de uma região que faz parte do todo patrio, como que o território angolano fosse realmente uma porção de terra sem dono, abandonada à mercê de aventureiros.

Esses traidores, portugueses exilados no Brasil, não olham o meio para alcançar seu objetivo, concordam em entregar parte do território da sua Pátria aos terroristas estrangeiros, pouco ligam o enfraquecimento do Poder Central, pois visam dominá-lo com a deposição do Governo, que cumpre o seu dever de não ceder um palmo de terra aos estranhos insufladores de alguns nativos ainda não incorporados aos demais naturais que alcançaram a civilização, para instalar outro Governo que lhes facilite seus inconfessáveis intentos.

Eles sabem que há quinhentos anos Portugal, na era dos Descobridores, fixou seus naturais nessa e noutras regiões desabitadas da África, da Ásia, da Oceânia, onde viviam algumas tribus indígenas, formando novos núcleos populacionais com o entrosamento da raça portuguesa, através dos anos, mantendo intangível sua posição no presente em que se verifica não mais existirem cidadãos africanos naquela parte da África, mas sim cidadãos portugueses que gozam dos mesmos direitos e regalias dos

da Metrópole, não havendo portanto separação entre pretos, mulatos, mestiços, brancos, todos irmanando-se perante a imagem da Pátria presente na Bandeira-Lusa e ouvida sua voz nas estrofes do hino nacional e na presença das Autoridades representativas do Poder Central, que não persegue os naturais dessa região ou de outras, que assiste em igualdade de condições, os educa, cuida-lhes da saúde e concede-lhes o direito elementar de viverem com dignidade, permitindo-lhes executem suas naturais tarefas como qualquer outro ser do mundo, que do seu trabalho ganha para sua subsistência e para a subsistência dos seus dependentes.

Essa questão de auto-determinação só é admissível em regiões onde o sistema de Governo difere do de Portugal, como no Congo Belga, na Nigéria, na Libéria, em Gana, na Serra Leoa, etc., não em Angola, Moçambique, no Estado da Índia Portuguesa e outras mais regiões onde o Governo Português se faz presente como um Pai amigo, atencioso, humano e não como um tirano explorador e vulgar.

Portanto esses pretensos libertadores de Portugal que são contra o Governo constituído, o que desejam é a ruína total da sua Pátria, é o fracionamento do seu território, é o enfraquecimento da metrópole, é a anarquia, é a escravização de todos.

Bem fez o Governo Português de em tempo segregar todos esses falsos «libertadores» para lhes aplicar o conveniente corretivo; bem fez enviar suas tropas leais adestradas para expulsar do seu território os agentes estrangeiros que estão em Angola insuflando nativos não civilizados; bem fez permitir o exílio dos que se refugiaram nas embaixadas de nações amigas de Portugal, a fim de que a Paz, a tranqüilidade, a bonança, volte a imperar em terras portuguesas separadas apenas pelo oceano, que é portador de afeto, do carinho, da justiça, dos ensinamentos cristãos, das bênçãos de Deus, a todos os cidadãos portugueses que vivem quer na região europeia como nas demais regiões constituídas por províncias ultramarinas.

A verdade há-de ser reconhecida por todo o mundo cristão, por todos os países democratas. As ameaças há-de serenar-se e o Governo há-de ter forças e prestígio para impor-se à consideração, ao respeito e à admiração de todos os povos do universo, voltando a reinar na Metrópole e Províncias a paz, a felicidade, a alegria, sob uma só bandeira, um só Governo, cantando todos um só hino que a voz de um povo entrelaçado no sangue e nos costumes mesmo exóticos, caso por conveniência persistam através dos séculos nessas longínquas regiões do continente africano ou asiático.

Friburgo

Alcindo Alves dos Reis

N. Senhora da Franqueira, realizou-se o enlace da Sr.^a D. Maria Alice da Silva Araujo, inteligente Professora Oficial, com o Sr. Constantino José Leite da Silva Lopes, também ilustre Professor Oficial. Foram padrinhos, por parte da noiva, seus pais, Sr. Mário Domingues Araújo e a Sr.^a D. Albertina Miranda da Silva Ramos e do noivo, o Sr. Abel Nogueira e Esposa, Sr.^a D. Florinda Leite da Silva, da vila de Fafe. Celebrou este acto o primo do noivo, Sr. Padre Atílio Gonçalves, digno Reitor do Seminário Franciscano da Luz da cidade de Lisboa. Assistiram os pais do noivo, Sr. Domingos Maria Lopes e a Sr.^a D. Lúcia Leite da Silva, a avó Sr.^a D. Laura Leite da Silva, bem como muitos colegas, amigos e família dos noivos.

Depois da cerimónia nupcial, houve almoço na Pousada da Franqueira, que decorreu com grande animação, fazendo-se brindes.

Domingo, no Santuário da Franqueira, celebrou-se o enlace matrimonial entre o Sr. António Augusto Matos de Carvalho, Empregado superior nos Escritórios da Fábrica Tor, filho do nosso amigo, Sr. António Teófilo Alves de Carvalho e da Sr.^a D. Maria Torres Matos de Carvalho e a Sr.^a D. Maria do Sameiro de Sousa Gomes, gentil filha do nosso também amigo, Sr. António Maria Rodrigues Gomes e de sua Esposa, Sr.^a D. Perpectua Ferreira de Sousa Gomes.

O casamento foi feito pelo Rev.^o Prior de Barcelos que, na devida altura, pronunciou uma brilhante alocução dedicada aos simpáticos noivos e, foram padrinhos, pelo noivo, seus Tios, Sr.^a D. Maria do Carmo Faria Torres e seu Marido o Sr. Dr. Francisco Rodrigues Torres, distinto Médico e, pela noiva, seus Pais, conceituados industriais, nesta cidade.

—Aos três lares cristãos, auguramos as melhores venturas.

Quintazinha
Compra-se, perto de Barcelos ou Viana do Castelo.
Informa a Redacção.

Solene agradecimento ao Santo Condestável, pelos soldados expedicionários de Barcelos regressados da Guiné Portuguesa

Em cumprimento dum voto, os soldados do Concelho de Barcelos regressados da Guiné Portuguesa, oferecem à Capela de Nossa Senhora da Franqueira, uma linda Imagem do Santo Condestável D. Nuno Álvares Pereira, cuja entrega será no dia 24 do corrente mês de Setembro.

—É um voto de Agradecimento e de Súplica, testemunhando a sua fé em Deus e na Pátria. Para isso promovem um solene *Oitavário* na Igreja Matriz de Barcelos, com o seguinte programa: Nos dias 17, 18, 19, 20, 21 22, e 23, Missa às 7,30 horas da manhã. De tarde, às 9 horas, solene Exposição, Terço, prática e bênção do SS. Sacramento.

No dia 24 às 9 h. da manhã, sairá da Igreja Matriz, uma Majestosa Procissão, acompanhando a Imagem do Santo Condestável, até ao Monte da Franqueira. Ao chegar haverá Missa Campal, Sermão e entrega da veneranda Imagem à Ex.^{ma} Mesa da Confraria. Tomam igualmente parte nesta jornada de Fé todos os soldados de Barcelos e seu Concelho que prestaram serviço no batalhão de Caçadores 5, em Lisboa.

É de crer que todos os Barcelenses se associem a esta piedosa homenagem, não sómente pelo facto de acompanharem todos esses bravos soldados de Barcelos que souberam cumprir o seu dever, mas também, e principalmente por isso, para pedirmos por todos aqueles que batalham pela causa de Portugal em África, Ásia e Oceania.

Novos assinantes

Deram-nos a honra de se inscreverem como assinantes deste semanário, mais os Srs.

Dr. Dário Lopo de Abreu, de Lisboa; Francisco Ribeiro Gomes, de V. F. S. Martinho; António Francisco dos Santos, de Milhazes e Arménio dos Santos, de Barcelos. Agradecemos.

CINE-TEATRO GIL VICENTE

É amanhã que reabre este cinema para iniciar a nova época 1961—62, com sessões às 15,30 e às 21,30, apresentando o filme em Warnercolor:

MISSÃO NO ALTO MAR

Um idílio amoroso que deixará indeleveis recordações. Uma heroica missão que cobriu de glória um grupo de valentes.

Com Alan Ladd, mais agressivo do que nunca, Dianne Foster e William Bendix.

José Ribeiro Novo

Este nosso bom amigo, e ilustre Redactor Desportivo deste Semanário e distinto Funcionario superior do Banco Nacional Ultramarino encontra-se no goso de merecidas férias.

D. Laura Sá Carneiro

Na proxima segunda-feira, dia 18 do corrente, tem a sua festa natalicia completando 66 anos a Ex.^{ma} Sr.^a D. Laura Sá Carneiro, nossa ilustre e veneranda conterranea.

Muitos e muitos anos mais, são os votos de «O Barcelense».

A quem compete

Pedem-nos para avisar a Ex.^{ma} Policia de Segurança Publica, para que a travessa da rua D. Antonio Barroso — Barjona de Freitas — seja devidamente policiada, em virtude de todas as manhãs esta artéria se encontrar conspurcada. Providencias, pois.

LANIFICIOS

Venda directa ao publico, de lanificios para homem e senhora, padrões sempre actualizados, a preços compatíveis.

Peçam amostras.

ORGANIZAÇÃO COMERCIAL DE TECIDOS DISTINTUS—APARTADO 127—Covilhã.

FARMACIA DE SERVIÇO—Amanhã está de serviço a Farmácia Oliveira.

MANUEL MONTEIRO DE CARVALHO

Médico
Consultas das 12 às 13 e das 15 às 18 horas
Telefone Consultório 82325
Residência 82609
Consult.: Campo 5 de Outubro, 14

GARAGEM

Na Rua Faria Barbosa, alugase uma boa Garagem para automovel.
Informa esta Redacção.

Venda de uma casa nesta cidade

Vende-se uma casa bem situada, com rez-do-chão, um andar e quintal.
Pode ser dividida em duas.
Informa esta redacção.

FOGÃO

Vende-se um, esplêndido, com depósito em cobre.
Informa esta Redacção.

Arrenda-se

A quinta da Devesa, com abundância de águas e muita vinha, na freguesia da Silva.
Tratar com o proprietário, na referida quinta.

Sonhos e Paralelos são duas especialidades da PASTELARIA ARANTES e de Barcelos

Quinta de Mereces
Arrenda-se esta Quinta, pertencente ao Sr. Joaquim Antonio José Pereira, em Mereces, Barcelinhos.

Vende-se

Pequena quinta, proximo à cidade, estrada á porta.
Por favor informa Eduardo Ramos, Barcelinhos.

ALFINETE DE OIRO

Encontra-se, um, na Secretaria da Câmara Municipal, que se entrega a quem provar pertencer.

Rádio

Televisão

Electricidade
ARMINDO SILVA
Rua D. António Barroso, 89—1.^o
Telefone 8 270 8

Festas a Nossa Senhora do Alívio em Perelhal

Hoje e amanhã, na laboriosa freguesia de Perelhal, realizam-se os tradicionais festejos a Nossa Senhora do Alívio, sendo abrihantados pelas afamadas Bandas de Música de S. Martinho da Gândara e Gueifães da Maia.

Amanhã, há Grande Arraial, á moda do Minho e Fogos.

Toldes em ferro e um balcão

VENDE-SE.

Esta Redacção informa.

CASEIRO

Precisa-se de um.
Informa esta Redacção.

Dr. Trindade Soares

Especialista de doenças dos olhos
Rua de S. Marcos, 34—1.^o
Telefone 23990—BRAGA.

CÉSAR CARDOSO AVOGADO

Largo D. António Barroso, 9
Telefone 82447—Barcelos

Se aprecia Café Tome-o ou compre-o no Café e Pastelaria Arantes porque é difícil encontrar igual em qualquer parte

ALTO-FALANTES

Prefiram sempre a
CASA SOUCASAUX
Telefone 8 23 45
Fotografias, Rádios, Oculos
Artigos fotográficos, etc.
Barcelos

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Sede — LISBOA

AGENCIA EM BARCELOS

Largo da Porta Nova, 41—Telefone 82318

Descontos—Depósitos à ordem e a prazo—Transferências s/ o País e Estrangeiro
Moedas e Notas Estrangeiras**«SOLAR E QUINTA DE SANTO ANTONIO DE VESSADAS», EM BARCELINHOS**

Notas de História e Genealogia

por: *Ilídio Eurico Gomes Ramos*

Ao Snr. Professor Fernando António Antas, prezado conterrâneo e amigo das tradições e história da nossa terra, dedicamo estas presentes notas:

O Solar e Quinta de Santo António de Vessadas ergue-se em Barcelinhos no Lugar de Vessadas, num esplendido local onde se disfruta o encantador panorama da cidade de Barcelos, mesmo junto à estrada nacional para Braga e Famalicão, em local desafogado e airoso.

Trata-se de um amplo edificio de linhas sóbrias e elegantes, muito bem conservado, o qual demonstra o bom gosto dos seus actuais proprietários, e cuja frontaria fica voltada para noroeste, sendo considerado o mais importante solar de além-rio.

Em tempos recuados foi residencia dos nobres avoengos das famílias dos Pais de Barros, Pais de Faria, Vilas-Boas, Farias Mariz, Mouras Mariz, Carneiros, Botelhos e muitas outras até aos Noronhas e Távoras, fidalgos da mais alta linhagem.

Junto a este solar encontra-se ao lado esquerdo da sua frontaria a Capela de Nossa Senhora d'Agonia, que o Dr. Manuel José Botelho, Senhor de Vessadas, mandou construir no ano de 1885, para nela cumprir as suas arreigadas devoções religiosas.

Tambem perto desta casa e quinta se situa a Capela de Santo António, que antes da anterior foi Capela primitiva desta Casa e hoje pertence à freguesia de Barcelinhos, a qual deu o nome a este solar de que estamos a tratar nestas mal alinhavadas notas.

Foi mandada edificar por João Pais «O velho», Cavaleiro ilustre e Senhor de Vessadas, em frente a esta casa e junto à antiga estrada de Famalicão, e cuja Capela foi mandada fazer por este fidalgo em cumprimento de um voto. No reinado de D. Afonso V o referido fidalgo numa batalha ocorrida no Norte de Africa, viu-se cercado dos Mouros que o derrubaram a golpes de cimitarra, da sua montada, ficando a combater de pé contra numerosos inimigos, por lhe ter desaparecido o seu cavallo: «Naquele momento angustioso, implorou a protecção de Santo António, e logo lhe apareceu o seu fogoso corcel, no qual montou rapidamente e caindo a fundo sobre os Mouros os desbaratou com tais provas de valentias que estes se puzeram em debandada. («Nobiliarquia Portuguesa» pelo Dr. António de Villas-Boas Sampaio, Morgado de Airó, a pag. 109).

No ano de 1856, com as obras feitas no alargamento da referida estrada, foi esta Capela mudada para o local onde hoje se encontra, tendo sido muito alterada a sua primitiva arquitectura. Nela se encontram à veneração dos fieis as imagens de Santo António, de S. Marçal, o santo advogado dos incendios, e do Sagrado Coração de Maria, realizando-se em tempos uma luzida Festa a Santo António que em alguns anos atingiu desusado brilhantismo, principalmente no tempo em que era seu principal impulsionador o falecido barcelinense Snr. Delfino José Pereira.

No interior desta quinta de que estamos a tratar, encontra-se um artistico fontanário, no qual está gravado um interessante brasão que contem dentro do seu escudo: três espadas com as pontas junjas, sendo encimado por um elmo aberto de lado e tendo por timbre as mesma espadas do escudo.

Por baixo contém a seguinte inscrição: «ESTA OBRA MANDOU FASER P.º DO VALLE VESSADAS—CAVALEIRO-PROFESSOR NA ORDEM DE CHRIS TO—NO ANNO DE 1753».

«Um dos Cavaleiros mais esforçados deste Solar, João Pais «O VELHO», serviu a El-Rei D. Afonso V «O Africano» que lhe deu carta de privilégio para seus criados e caseiros, e cuja carta lhe foi concedida a 10 de Abril de 1476, tendo El-Rei D. Manuel I dado o titulo de Escudeiro Fidalgo e confirmado a referida carta em 30 de Maio de 1499, em atenção aos valiosos serviços prestados ao Reino.

Este fidalgo teve várias questões com Alvaro Pinheiro, do Solar dos Pinheiros de Barcelos, e Alcaide-Mór da nossa antiga vila». (Memoria Histórica da Vila de Barcelos, pelo Abade do Louro).

LINHA GENEALOGICA DOS SENHORES DE VESSADAS:

O insigne genealogista barcelense, Snr. Dr. Felgueiras Gaio, no seu «Nobiliário» trata do seguinte modo, da linha genealogica dos Senhores de Santo António de Vessadas, nos titulos de Pais, Farias, Villas-Boas, Carneiros e Botelhos:

GOMES PAIS DE BARROS, suposto filho de Alvaro Pais, é o primeiro de quem o nosso ilustre conterrâneo nos dá noticia; foi Fidalgo da Casa dos Duques de Bragança e Alcaide-Mór da Cidade do Porto, e veio a casar com D. Leonor Afonso, filha de Afonso Anes, Senhor da Portagem de Avintes, no titulo de Alpuins. Deixou a seguinte descendencia: João Pais de Barros, D. Isabel Pais, D. Leonor Pais que foi Dama da Rainha D. Joana (esposa de Henrique IV) e D. Maria Luísa de Andrade. Está sepultado no Convento de S. Francisco do Porto.

JOÃO PAIS DE BARROS, filho do fidalgo antecedente, casou com D. Catarina Anes Ferraz, irmã do Bispo da Guarda D. Afonso Ferraz, e filha de João Anes Ferraz, no titulo de Ferrazes. Deste casamento existiu a seguinte geração: Gomes Pais e João Pais que foi Chanceler-Mór do Reino.

GOMES PAIS, filho de João Pais de Barros, foi Juiz da Alfândega do Porto e Administrador do Mosteiro de S. Bento no Porto, cidade onde residiu e veio a casar com D. Margarida ou Marqueza Carneiro, filha de Vasco Carneiro «O Velho» e de D. Maria Anes Sanches, no titulo de Carneiros. Teve: João Pais de Barros, Gaspar Pais e D. Catarina Pais de Barros. Foi ainda pai do bastardo, Gomes Pais de Barros.

JOÃO PAIS, filho de João Pais de Barros, foi Senhor de Vessadas, Chanceler-Mór do Reino e Embaixador de Portugal ao Concílio Tridentino. Faleceu em Pádua onde foi sepultado, e teve um filho de nome, Gomes Pais.

GOMES PAIS DE BARROS, filho bastardo de Gomes Pais e neto do fidalgo do mesmo nome em quem se inicia esta familia, casou com D. Maria Correia, filha de Afonso Correia Montenegro, ou com D. Isabel Correia (como dizem outros genealogistas), a qual era filha de Afonso Tomé Monteiro, e de D. Inês de Azevedo. Deste matrimonio houve a seguinte descendencia: João Pais, Cristovão Pais, Miguel Pais, D. Inês Pais e D. Constança Pais. (Continua)

Notariado Português

Secretaria Notarial do Concelho de Barcelos
Escritura de Sociedade por quotas

Por escritura de 21 de Abril de 1921, lavrada a folhas 60 v do L.º n.º 8 do então—Notário em Barcelos—Bacharel Máximo de Figueiredo foi constituída entre Jacinto Ribeiro Osório, Fernando Roque Moreira, João António Guimarães Esteves, Henrique Fernandes Faria e Emilio Fernandes Malheiro Vinagre, todos desta cidade, uma sociedade com as clausulas e artigos seguintes:

PRIMEIRO—Esta sociedade adopta a denominação «SOCIEDADE CINEMATOGRAFICA BARCELENSE LIMITADA», e tem a sua sede e estabelecimento nesta vila no Largo do Teatro;

SEGUNDO—Tem por objecto a exploração de cinematografo em todos os seus ramos, podendo exercer qualquer outro negocio em que os sócios concordem.

TERCEIRO—A sua duração é por tempo indeterminado e as operações sociais começam no dia primeiro do próximo mês de Maio.

QUARTO—O capital social é de SETE MIL E QUINHENTOS ESCUDOS em dinheiro e em cinco quotas subscritas por eles sócios da seguinte forma: Jacinto Ribeiro Osório, dois mil e quinhentos escudos; Fernando Rodrigues Moreira—mil e quinhentos escudos; João António Guimarães Esteves, mil e quinhentos escudos; Henrique Fernandes de Faria—mil escudos e Emilio Lopes Fernandes Malheiro Vinagre—mil escudos, achando-se integralmente realizadas;

QUINTO—A gerencia comercial pertence a todos os sócios que representarão a sociedade em juizo e fóra dele mas ela só poderá ficar obrigada quando os actos e contratos sejam firmados por dois dos seus sócios;

SEXTO—Aos sócios Faria e Vinagre compete especialmente a direcção tecnica da industria e ao sócio Esteves compete a escrita que andará sempre em dia e bem arrumada e a administração da caixa social, sendo facultada a fiscalisação a todos os sócios.

PARÁGRAFO ÚNICO—Como retribuição dos seus serviços terão os sócios Faria e Vinagre direito a uma percentagem de cinco por cento sobre os lucros liquidos.

SÉTIMO—Os balanços são anuais e devem estar concluidos em trinta e um de Dezembro de cada ano.

OITAVO—Os lucros liquidos de todas as despesas e encargos, e depois de deduzidos cinco por cento para fundo de reserva legal, enquanto não estiver realizado ou sempre que for necessário reintegrá-lo, serão divididos por eles sócios na proporção das suas quotas. As perdas, havendo-as, serão suportadas por eles sócios naquela mesma proporção.

NONO—Não são permitidas prestações suplementares mas qualquer dos sócios poderá fazer suprimentos á caixa social que serão levados a uma conta especial de crédito e vencerão o juro na razão de seis por cento ao ano.

DÉCIMO—As reuniões dos sócios serão convocadas, por car-

Notariado Português

Secretaria Notarial do Concelho de Barcelos
Aumento do capital e alteração do Pacto Social

Por escritura de 1 de Março de 1941 lavrada a folhas 19 v do L.º n.º 129 do então Notário em Barcelos—Dr. Porfirio António da Silva, foi reforçado o capital e alterado o pacto social da «SOCIEDADE CINEMATOGRAFICA BARCELENSE LIMITADA», com sede nesta cidade, quanto aos seguintes artigos:

QUARTO—O capital social é de CINCOENTA E SEIS CONTOS, em dinheiro, em três quotas integralmente realizadas e subscritas por eles sócios, pela forma seguinte:

Arminio Miranda—vinte e oito contos; Manuel Carvalho—catorze contos e Domingos Azevedo—catorze contos.

SEXTO—Ao sócio Miranda compete especialmente a direcção tecnica da industria e a administração da caixa social e ao sócio Carvalho compete a escrita que andará sempre em dia e bem arrumada.

Barcelos e Secretaria Notarial, aos vinte e seis de Setembro de mil novecentos e cinquenta.

O Ajudante da Secretaria Notarial,
João Alves de Faria

TERRENO

Vende-se, em talhões, na «Quinta do Olival», próprio para construções. Já está integrado no Plano de Urbanização.

Para mais informações falar com o Snr. José Torres, em S. João de Vila Boa.

BARCELOS

ta ou circular, com três dias de antecedencia.

DÉCIMO PRIMEIRO—A cessão de quotas entre os sócios é livremente permitida; a estranhos só com o consentimento da sociedade que se reserva o direito de preferencia.

DÉCIMO SEGUNDO—Em todo o omisso regularão as disposições legais applicáveis.

Barcelos e Secretaria Notarial, aos vinte e seis de Setembro de mil novecentos e cinquenta.

O Ajudante da Secretaria Notarial,
João Alves de Faria

CASA DO POVO DE VIATODOS**Concurso Médico**

Avisam-se os interessados que está aberto o concurso para dois lugares de Médico da Casa do Povo de Viatodos, cujas condições estão patentes na Secretaria do Organismo, todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17 horas.

O concurso encerra-se ao fim de 30 dias, a contar desta data.

Viatodos, 14 de Agosto de 1961.

A Comissão Directiva

Quinta em Barcelos

Vende-se na freguesia de Manhente, lugar de Cristois, a 3 quilómetros de Barcelos, propria para recreio e rendimento.

Produz 12 carros de cereal e 25 pipas de vinho. Tudo em ramadas.

Boa casa para senhorio e casa para caseiro. Tem água de mina e muita água tirada a motor eléctrico. Tem telefone, luz eléctrica, e outros pormenores à vista.

Carta à Redacção, com as iniciais

J. M. C.

Declaração

Arménio dos Santos, casado, desta cidade, vendedor ambulante de azeite, participa ao publico de que, se apparecer ferido, só se pode queixar de Antonio da Costa Moreira e José Augusto Pedroso, negociantes de azeite, tambem desta cidade.

Faço esta declaração por que já tenho sido ameaçado diversas vezes por esses individuos.

Al fica o aviso para os devidos efeitos.

Barcelos, 6 de Setembro de 1961.

Arménio dos Santos

VENDEM-SE EM GILMONDE

Junto ao Cruzeiro 3 casas com bom quintal. Falar com Joaquim Miranda, Gilmonde.

CASEIROS

Precizam-se, para a «Quinta do Laundos», sita na freguesia de Viatodos, lugar de Camposinhos. E' toda regada e muitissimo produtiva.

Para informações, falar na mesma com o seu proprietário, Snr. José de Araujo Couto.



Seu relógio é um objecto delicado

Confian-do sempre a relojoeiro experimentado e cuidadoso terá melhor funcionamento e mais anos de duração.

JAIME DE MATOS ARAÚJO
(RELOJOEIRO DIPLOMADO)

Está às suas ordens e agradece a preferencia

Rua Faria Barbosa, 1 (Junto à Ponte)—BARCELOS

PINCOR

«ESCOLA DE CONDUÇÃO»

Preferi-la é defender os v interesses. Scooter, Motociclos, Ligeiros e Pesados. Amadores e Profissionais.

INSTRUTORES PERMANENTES DE TEÓRICA E TÉCNICA

«PINCOR»

Praça da Batalha, 137—Telefone 24772—PORTO